

Esta história começou numa daquelas tardes do meio do verão, quando, ao andarmos descalços na erva pela primeira vez no ano, somos picados por uma abelha. Pelo menos, é o que me tem acontecido desde sempre. E sei, entretanto, que estes dias da primeira picada de abelha, muitas vezes a única do ano, coincidem por norma com a altura em que abrem as flores brancas dos trevos, dos que nascem rentes à terra, onde as abelhas dão voltas e brincam, meio escondidas.

Era um dia soalheiro, também isso como sempre, pelo menos ao final da manhã, mas ainda não um dia muito quente, do princípio de agosto, com um azular constante, alto e cada vez mais alto no céu. Mal se via uma nuvem, e, quando aparecia uma, logo se dissipava. Corria uma brisa leve que dava asas, um vento oeste como quase sempre no verão, na imaginação vinha desde o Atlântico, refrescando a baía de ninguém. Não havia orvalho que precisasse de secar. Como já há mais de uma semana, ao passear pelo jardim de manhã cedo, não havia sequer um vestígio de humidade nas solas nuas dos pés, muito menos entre os dedos.

Dizem que as abelhas, quando, ao contrário das vespas, perdem o ferrão ao picar, têm de morrer da picada. Em todos os anos anteriores, sempre que fui picado — quase sempre num pé descalço —, não raras vezes me apercebi disso, pelo menos a ver pelo ferrão com três arpões que parecia arrancado bem do interior do corpo da abelha, tão minúsculo como tremendo, em que se enrolava algo de penugento, gelatinoso, vindo do interior do animal, começando depois perante os meus olhos um encolher, tremer, um agitar-se, o paralisar das asas do inseto.

Mas naquele dia da picadela, quando a história da ladra de fruta começou a ganhar forma, a abelha que me picou, descalço, não sucumbiu à picada. Apesar de ser uma abelha pequena como uma ervilha, peluda, lanuda, com as cores e riscas bem conhecidas das abelhas, não perdeu o ferrão ao picar e fugiu a zumbir depois da picadela, uma picada de abelha como poucas — tão repentina como intensa —, num impulso rápido, não só como se nada fosse mas, além disso, como se, graças àquele ato, tivesse ainda conquistado novas forças.

A mim o ser picado pareceu-me bem, e não só porque a abelha tinha sobrevivido. Havia ainda outras razões. Em primeiro lugar porque, segundo se dizia, as picadelas de abelha eram, ao contrário das das vespas ou dos vespões, boas para a saúde, supostamente, eram boas para o reumatismo, para fortalecer a circulação e para uma série de outras coisas, e uma picada destas, agora — mais uma das minhas imaginações —, era capaz de dar nova vitalidade, pelo menos durante algum tempo, aos meus dedos dos pés, que de ano para ano tinham pior circulação, menos sensibilidade, estavam até entorpecidos; uma imaginação ou fantasia semelhante fazia também com que arrancasse, quer no jardim da baía de ninguém quer nos terraços da quinta, lá longe, na Picardia, as urtigas com as mãos nuas, aos molhos, aqui do solo limoso, lá do solo calcário.

A picada era bem-vinda por outra razão. Percebi-a como um sinal. Um bom ou um mau sinal? Nem bom nem mau, ou sequer maligno — simplesmente um sinal. A picada deu o sinal de partida. Já é tempo de te pores a caminho. Deixa ficar o jardim e o lugar. Vai-te embora. Está na hora de partir, chegou o momento.

Precisaria eu de um sinal destes? Naquele dia, sim, e fosse ele, de novo, só imaginado ou sonhado num dia de verão.

Arrumei dentro de casa e no jardim aquilo que havia para arrumar, também deixei isto e aquilo expressamente no sítio onde estava ou onde estava pousado, passei a ferro as duas ou três camisas velhas a que tinha mais apego — mal tinham secado estendidas na relva —, fiz a mala, meti no bolso as chaves da casa de campo, muito mais pesadas do que as da casa dos arredores da cidade. E, não era a primeira vez que me acontecia pouco antes de uma partida, rompeu-se um atacador ao atar as botas de cano curto, não encontrava de maneira

nenhuma as meias que faziam par, passaram-me pelas mãos dezenas de mapas detalhados, com exceção daquele que eu procurava; a diferença foi que desta vez se romperam os dois atacadores — partira-se a unha do polegar durante a tarefa de atar as botas, que levou um quarto de hora —, acabei por enrolar as meias descasadas aos pares — praticamente só meias descasadas —, e de repente pareceu-me bem ir de viagem sem mapas.

De repente também me libertei da falta de tempo em que me tinha enredado, uma falta de tempo infundada que se abatia sobre mim, bastante asfixiante por norma, não só nas horas de partir, e simplesmente mortífera na hora da partida. Nem mais uma hora. Livro da vida? Livro em branco. Acabou-se o sonho. Acabou-se o jogo.

Coisa inesperada agora: a falta de tempo esfumara-se, não tinha objeto. De repente tinha todo o tempo do mundo. Velho como era, tinha mais tempo do que nunca. E o livro da vida: aberto e ao mesmo tempo bem preso; as páginas, sobretudo as que estavam em branco, resplandecendo no vento do mundo, aqui da Terra, do aqui. Sim, eu iria ver finalmente a minha ladra de fruta, não hoje, nem amanhã, mas em breve, muito em breve iria vê-la, como pessoa, inteira e não apenas por partes, aquelas partes fantasmáticas que me apareceram diante dos olhos envelhecidos durante todos os anos anteriores, a maioria da vezes no meio da multidão, e mesmo assim sempre de longe, infundindo-me outra vez novas energias. Uma última vez?

Então, já esqueceste que não fica bem falar de uma «última vez», tal como não fica bem falar de um «último copo»? Ou, quando muito, como aquela criança que, depois a terem deixado fazer a brincadeira «uma última vez» (digamos, num baloiço ou num balancé), pede: «Só mais esta vez!», e depois: «E só mais uma vez, é a última!» Pede? Grita! — Mas não o manifestaste já várias vezes? — Sim, mas noutra país. Que importa —

Não meti nenhum livro na mala naquele dia de verão, até arrumei de cima da mesa o que tinha estado a ler naquela manhã, a história medieval de uma jovem que, para se desfigurar e assim se livrar dos homens que a perseguiram, decepou as próprias mãos. (Decepar as duas mãos a si própria? Só em histórias medievais é que aconteciam coisas destas?) Deixei também os meus cadernos e livros de notas em casa, fechei-os à chave, foi como se os escondesse de mim pró-

prio, aceitando não voltar a encontrá-los, pelo menos nos tempos mais próximos, e proibindo-me de fazer uso deles.

Antes de me pôr a caminho, sentei-me com o saco aos pés no jardim, bem no meio, na única cadeira, era mais um banco, a certa distância das árvores e sobretudo longe das mesas, da que está debaixo do sabugueiro, da que está debaixo da tília, da que está debaixo das macieiras, a maior, ou pelo menos a mais larga. Na minha imaginação, personificava, assim, ali sentado, imóvel, razoavelmente direito, uma perna cruzada sobre a outra, com o chapéu de palha de viajante enfiado na cabeça, aquele jardineiro de nome «Vallier» (ou lá como se chamava), que Paul Cézanne pintou e desenhou muitas vezes no final da vida, sobretudo em 1906, ano da morte do pintor. Em todos estes retratos, e não só por causa do chapéu que lhe deixa a testa na sombra, «o jardineiro Vaillier» pouco mostra de um rosto, ou então é um rosto, imagino eu, sem olhos, mesmo o nariz e a boca estão como que apagados. Não tenho na ideia outra coisa que não o contorno do rosto daquele que ali está sentado. Mas que contorno. Um perfil graças ao qual a superfície quase vazia envolvida por ele corporiza, exprime e irradia algo que ultrapassa tudo aquilo que uma fisionomia desenhada com toda a fidelidade e detalhe poderia transmitir — ou pelo menos é e transmite uma coisa diferente, uma coisa diferente desde a raiz — é uma forma de desenhar radicalmente diferente. Não seria possível uma tradução do nome do jardineiro, modificado por mim, de «Vallier» para «Vaillant», algo como «sentinela», não, «vigilante», «vigiador» ou, mais brevemente, «vigia», e isso, contando com os órgãos dos sentidos meio desaparecidos, os ouvidos, o nariz, a boca, e sobretudo os olhos, não corresponderia a todos os retratos do jardineiro Vaillier?

Assim sentado, vigil, ao mesmo tempo como que dormindo, num outro dormir, chegou-me de repente a voar uma voz ao ouvido, perto de mim — mais perto era impossível. Era a voz da ladra de fruta, uma voz interrogativa, tão suave como determinada — mais suave e mais determinada era impossível. E o que me perguntou ela? Se bem me lembro (a nossa história já se passou há muito tempo), não foi nada de muito especial; foi algo como, por exemplo, «Então, como estás?», «Quando partes?» (ou não, ocorre-me agora a memória). Perguntou-me: «O que tem, senhor? O que é que o está a preocupar

tanto? *Qu'est-ce qu'il vous manque, monsieur? C'est quoi, souci?*» E foi, na história, a única vez que a ladra de fruta se dirigiu a mim pessoalmente. (Aliás, como me poderia ocorrer pensar que ela me teria tratado por tu desta primeira e única vez?) O que aquele instante teve de especial foi apenas a voz dela, uma voz que se tornou rara hoje em dia, ou que sempre foi uma raridade, uma voz plena de zelo, sem ter um tom excessivo de preocupação, e sobretudo uma voz, a voz, voz da paciência, da paciência como atributo e, ainda mais, como atividade, como um permanente estar ativo, no sentido de «ter paciência», mas também de «levar com paciência»: «Eu tenho paciência e levo-te com paciência, levo-o, levo-a — eu levo com paciência seja quem for ou seja o que for, sem distinção, e, além disso, sem cessar.» Nunca na vida uma voz assim teria uma modulação diferente, e muito menos se converteria noutra, assustadoramente diferente — como me parece ser o caso na maioria das vozes humanas (incluindo a minha própria voz), e de forma mais acentuada ainda nas vozes de mulher. Porém, aquela voz corria sempre o risco de emudecer, possivelmente — Deus não permita!, acudam à minha ladra de fruta, forças poderosas! — para sempre. Com aquela voz ainda no ouvido ao fim de muitos anos, penso que combinava bem com ela uma coisa que um ator respondeu quando lhe perguntaram, numa entrevista, de que maneira a sua voz o ajudava a fazer o papel em cada um dos filmes: sentia, não só com ele, quando uma cena, ou até a história toda, «tinha o tom certo», e acontecia-lhe avaliar a autenticidade de uma cena, do próprio filme, não por aquilo que via, mas por aquilo que ouvia. E o ator acrescentou, ao dizer isto, rindo, uma coisa que fez com que me sentisse no lugar dele por um momento: «Além disso, tenho o ouvido muito apurado, saio à minha mãe.»

Era o pino do meio-dia, o meio-dia que talvez só haja na primeira semana de agosto. Todos os vizinhos em volta pareciam ter desaparecido, e não só desde ontem. Era como se se tivessem mudado, não só para passar o verão nas segundas residências ou chalés, na província francesa ou noutros lugares. Imaginei que se teriam mudado de vez, para mais longe do que longe, muito longe de França, que teriam regressado à pátria dos antepassados, à Grécia, ao Portugal transmontano, à pampa argentina, ao Mar do Japão, à meseta espanhola e, sobretudo, às estepes russas. As suas casas e cabanas